

Impressões de viagem: Graciliano e suas anotações sobre a URSS

Prof. Dr. Marcel Lúcio Matias Ribeiro¹ (IFRN)

Resumo:

Este trabalho tem como objeto de estudo a narrativa Viagem, de Graciliano Ramos, lançada postumamente em 1954. Nesta, Graciliano relatou a sua passagem pela Tchecoslováquia e pela União Soviética em 1952. No âmbito geral da obra de Graciliano, Viagem é pouco referida no corpo de seus estudos críticos. Pretende-se relacionar a referida narrativa a outras obras do autor alagoano com base nas teorizações desenvolvidas por Antonio Candido. Além disso, associa-se as anotações de Graciliano a outros relatos de escritores e intelectuais sobre a União Soviética. Por fim, percebe-se a interação formal e conteudística de Viagem com a obra de Graciliano e também seu diálogo com as questões políticas e sociais de seu tempo.

Palavras-chave: Graciliano Ramos, narrativa de viagem, literatura brasileira.

1 Introdução

O objeto de estudo deste trabalho é constituído, primordialmente, pelo livro *Viagem*, de Graciliano Ramos, lançado postumamente em 1954. Neste, Graciliano relatou a sua passagem pela Tchecoslováquia e pela União Soviética em 1952. O escritor brasileiro durante esse período era militante do Partido Comunista e presidente da Associação Brasileira de Escritores. Viajou a convite da Sociedade para as Relações Culturais da URSS com os Países Estrangeiros a fim de assistir às comemorações do 1º de maio, Dia do Trabalhador. Com a exposição dessas impressões de viagem, Graciliano desejava testemunhar os pontos positivos e as conquistas sociais do sistema político soviético.

No âmbito geral da obra de Graciliano, *Viagem* é pouco referida nos estudos críticos. Essa ausência pode acarretar visões incompletas em alguns casos. Nítidos exemplos dessa omissão são os ensaios *Ficção e confissão* (publicado de maneira esparsa em 1945, mas reelaborado por volta de 1955, após a morte de Graciliano, e publicado, em versão definitiva, em 1956) e *Os bichos do subterrâneo* (1961), nos quais Antonio Candido frisa um importante aspecto presente em toda a obra do escritor alagoano: a passagem da narração ficcional para a exposição de experiências vividas.

A mudança apontada por Candido na narrativa de Graciliano é bastante plausível, pois as últimas obras do escritor alagoano são narrativas autobiográficas: *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953). Compartilhando da ideia de Candido, Silviano Santiago redigiu *Em Liberdade* (1981), obra ficcional na qual estaria um diário que Graciliano Ramos (narrador-personagem) teria escrito durante os dois primeiros meses após sua saída da prisão.

Viagem, apesar de não ter sido posta em evidência por Candido nesses ensaios, deve ser observada com mais profundidade, pois também participa da mudança que ocorre no percurso literário do autor, da ficção para a confissão, e traz em si algumas características presentes na obra romanesca e na obra periférica do escritor. Assim sendo, este trabalho pretende propor encaminhamentos de leitura para a narrativa *Viagem*, interessante não só por apresentar o escritor alagoano redigindo em uma outra forma de composição textual que não o romance, como também pelas temáticas e questionamentos levantados a respeito da situação sociocultural do período.

Portanto, tenta-se, em uma perspectiva de reabilitação histórico-literária: tecer considerações sobre os assuntos abordados em *Viagem*; relacionar essa narrativa a outros escritos do autor e de outros escritores do período; e propor encaminhamentos de leitura para a obra em questão.

2 Viagem inserida ao percurso literário da obra de Graciliano

Pode-se afirmar que Graciliano Ramos é um autor ímpar na literatura brasileira, pela forma como ele aborda a realidade, de modo crítico, tentando compreendê-la e buscando alternativas para um mundo que, em sua visão, está desordenado. Em sua ficção e em seus textos autobiográficos, percebe-se claramente essa luta constante. No ramo autobiográfico, *Infância* traz a tentativa de entendimento em relação a um nordeste de pobreza e ignorância, como também ocorre no romance *Vidas secas* e em suas crônicas publicadas em *Viventes das Alagoas*; o testemunho de *Memórias do cárcere* busca a explicação para a situação política do país nos anos 30 do século passado, como também se pode sentir no conturbado romance *Angústia*, publicado quando o autor passava pela experiência da prisão.

A narrativa *Viagem* está inserida nesse contexto de busca de compreensão da realidade. Só que este relato extrapola os âmbitos regional e nacional analisados nos textos anteriores para se desdobrar em uma busca mais ampla: a tentativa de entendimento da situação política e social mundial. Por isso, é muito significativo que a referida narrativa tenha sido o último texto escrito pelo autor, já nas garras do câncer de pulmão que o levou a óbito. É como se Graciliano tivesse um projeto de compreensão gradativo da realidade, do particular para o geral. *Viagem* é o fim do percurso de uma vida totalmente atrelada aos principais fatos históricos ocorridos na primeira metade do século XX.

No ensaio “Ficção e confissão”, Antonio Candido apontou a mudança ocorrida, de modo natural e gradual, na obra de Graciliano Ramos, do relato ficcional ao relato de experiências vividas. De modo sistemático, Candido organizou o percurso do autor da seguinte forma: *Caetés* (obra de ficção e espécie de ensaio para os livros posteriores); *S. Bernardo* (obra ficcional de um autor já amadurecido); *Angústia* (obra de ficção, mas que, ao mesmo tempo, é uma autobiografia em potencial, porque traz lampejos da vivência real do autor); *Vidas secas* (ficção que funciona como uma espécie de pausa na linha evolutiva|| da tendência do autor); *Infância* (autobiografia com feição de ficção); e, por fim, *Memórias do cárcere* (autobiografia na qual prevalece o relato direto, o testemunho histórico) (cf. CANDIDO, 1992, p. 64).

A trajetória literária de Graciliano Ramos, segundo Candido, reflete sua busca pela verdade. Não conseguindo encontrá-la na ficção, o autor passou de modo coerente à autobiografia com o objetivo de aumentar seu poder de expressão em relação ao real (cf. CANDIDO, 1992, p. 11, 58). Nota-se, na sistematização realizada por Candido da obra de Graciliano Ramos, descrita em linhas gerais no parágrafo anterior, que a narrativa *Viagem* é mencionada de modo sumário, sem o estabelecimento de qualquer relação com as outras obras do escritor. Por que tal fato ocorre se a referida obra pode-se inserir perfeitamente à linha “evolutiva” da escritura de Graciliano Ramos? Ora, *Viagem* foi o último texto composto pelo autor. Seguindo a tendência da ficção para a confissão, *Viagem* encontra-se após o relato autobiográfico das *Memórias do cárcere* e, por isso, evidencia-se o alinhamento daquela ao caminho literário seguido por Graciliano.

No entanto, de acordo com a percepção de Candido, exposta de modo breve em seu ensaio sobre Graciliano, “*Viagem*, afinal – póstumo e inacabado –, abandona os problemas pessoais para cingir-se à informação” (CANDIDO, 1992, p. 64). Em “Ficção e confissão”, essa é a única menção à *Viagem*. Talvez esse juízo oriundo de tão influente ensaísta tenha sentenciado ou direcionado a recepção crítica da referida narrativa, pois, percorrendo-se as análises sobre a obra de Graciliano Ramos, as referências à *Viagem* são mínimas e, quando acontecem, são superficiais e apressadas, como se pode perceber a partir do seguinte exemplo: “O livro [*Viagem*], inacabado, narra as impressões favoráveis – e as críticas – resultantes da viagem feita por Graciliano Ramos à União Soviética e Tchecoslováquia, além de outros países europeus” (MIRANDA, 2004, p. 74). Essa citação revela a única alusão à *Viagem* em livro no qual Wander Melo Miranda se propõe a dar uma visão geral sobre a obra de Graciliano Ramos.

E podem ocorrer casos mais problemáticos, nos quais *Viagem* sequer é mencionada, ou melhor, é referida apenas na cronologia do autor, como no livro de Marilene Felinto, *Graciliano Ramos – outros heróis e esse Graciliano*. E é de se notar que, apesar de *Viagem* ser citada apenas na cronologia do autor, a sua data de publicação está assinalada de modo incorreto. No livro de Marilene Felinto, é apontada a data de publicação como 1953 (cf. FELINTO, 1983, p. 75), mas o ano de publicação de *Viagem* é 1954.

Por isso, acredita-se que o juízo primordial, “fundador”, de Antonio Candido sobre *Viagem* pode ter ocasionado a mencionada recepção e interpretação da obra por parte da crítica literária que a observou posteriormente.

3 Viagem e suas relações externas

A União Soviética, como mencionado anteriormente, exerceu fascínio na imaginação de muitos intelectuais ocidentais do século XX. Em grande parte, esse fascínio foi causado pela revolução comunista que ocorreu no país em 1917, fato que gerou a possibilidade de aplicação das ideias marxistas em todo o mundo. Nas palavras de André Gide, “A U.R.S.S. está em construção”, é preciso que se repita sempre. E vem daí o interesse excepcional de uma viagem por essa imensa terra em fim de gestação: é como se assistissemos ao parto do futuro” (GIDE, 1937, p. 13-14).

Pablo Neruda, conforme relata em suas memórias, também acreditava que, na URSS, surgia “[...] uma lição de moral para todos os ângulos da existência humana” (NERUDA, 1977, p. 197), pois, de acordo com o poeta chileno seu primeiro sentimento ao chegar em Moscou no ano de 1949 foi: “A humanidade inteira sabe que ali está sendo elaborada a gigantesca verdade e há no mundo uma intensidade atônita esperando o que vai acontecer” (NERUDA, 1977, p. 198).

Para o historiador Eric J. Hobsbawm, “A Revolução de Outubro se via menos como um acontecimento nacional que ecumênico. Foi feita não para proporcionar a liberdade e socialismo à Rússia, mas para trazer a revolução do proletariado mundial” (HOBSBAWM, 1995, p. 63). O filósofo Edgar Morin foi categórico ao afirmar sua relação com a União Soviética e o comunismo: “A aventura da URSS é a maior experiência e a grande questão da Humanidade moderna. O comunismo é a grande questão e a experiência principal da minha vida” (MORIN, 1984, p. 15).

De modo que, como se constata a partir das observações de Gide, Neruda, Hobsbawm e Morin, havia uma atenção especial de todo o ocidente voltada para a experiência política que estava sendo aplicada na URSS e acreditava-se que seria expandida, “universalizada”, para todas as nações. Eis a primeira e mais relevante faceta a despertar o interesse de intelectuais pelo país soviético. No entanto, na URSS, além da situação política, outro elemento também despertava a curiosidade dos escritores: o povo russo com suas tradições e costumes, que em muitos aspectos diferiam do modo de vida ocidental e que foi capaz de produzir uma literatura tão importante no decorrer do século XIX. Queria-se saber o que tornava aquele povo tão distinto ao ponto de ser levado a exercer a primazia da revolução. Assim a URSS tornou-se ponto de interesse e curiosidade para muitos intelectuais e escritores ocidentais a ponto de os relatos sobre o mundo soviético se tornarem praticamente um subgênero das narrativas de viagem.

Dentre os textos de viagem, escritos obviamente por estrangeiros, sobre a URSS, podem-se destacar: *10 dias que abalaram o mundo* (1919), do norte-americano John Reed (1876-1920); o *Diário de Moscou* (1927), do alemão Walter Benjamin (1892-1940); *De volta da U.R.S.S.* (1936), do francês André Gide (1869-1951); *O mundo da paz* (1951), de Jorge Amado (1912-2001); *Viagem* (1954), de Graciliano Ramos; *URSS, mal amada, bem amada* (1986), do português Fernando Namora (1919-1989); *As muralhas de Jericó – memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50*, do escritor gaúcho Josué Guimarães (1921-1986), livro redigido em 1952, mas publicado (postumamente) apenas em 2001. Obras que, pode-se afirmar, à exceção do escrito de

André Gide, construíram uma representação do regime soviético ao público do ocidente capitalista, traçando um perfil relativamente positivo do comunismo, embora nos textos de Benjamin e Graciliano Ramos sejam lançadas algumas críticas ao regime, em oposição às notícias plenamente negativas e distorcidas que eram divulgadas pela imprensa burguesa do período.

É interessante atentar que cada uma das obras mencionadas corresponde a um momento político específico da URSS. Os *10 dias que abalaram o mundo* remetem aos antecedentes e ao desencadear da Revolução de Outubro, narrando e explicando, com riqueza de detalhes, os passos que ocasionaram a implantação do comunismo na União Soviética. John Reed, testemunha ocular dos fatos, conversa com políticos e militantes envolvidos no processo e, como defensor da causa comunista, participa de momentos decisivos da revolução. É uma obra de proporções épicas que povoou o imaginário da intelectualidade esquerdista de sua geração e de gerações posteriores. Pode-se considerá-la o marco inicial das obras que abordam a vida e o contexto político da URSS.

O *Diário de Moscou* corresponde a um momento no qual a revolução já está consolidada. Walter Benjamin, apesar de simpatizante da causa, ensaia, em seu escrito, algumas críticas ao regime implantado por Lênin e naquele momento conduzido por Stalin. Debate sobre o padrão artístico socialista e sobre supostas traições de intelectuais ao partido comunista russo. Revela ainda algumas tensões ideológicas pós-revolução. No entanto, a temática em evidência na narrativa, fugindo à discussão política, é a relação afetuosa de Benjamin com a atriz russa Asia Lacis.

Em *De volta da U.R.S.S.*, que pode ser relacionado ao momento do processo de implantação de modo mais evidente do stalinismo, André Gide critica abertamente o regime soviético e aponta que talvez o grande sonho da humanidade de um sistema econômico igualitário esteja fadado ao fracasso. Por isso, em nome do bem comum, mesmo militante intelectualmente do comunismo, decide-se a apontar os erros que estavam ocorrendo na gestão da URSS. Dos cronistas da União Soviética mencionados, Gide é, sem dúvida, o que realiza críticas mais contundentes à sociedade soviética. Por exemplo, observou que os russos se vestiam uniformemente e percebeu que essa homogeneidade externa poderia também ser aplicada em nível ideológico: todos pareciam pensar da mesma forma e possuir a mesma opinião (cf. GIDE, 1937, p. 34-35-47).

As muralhas de Jericó – memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50, de Josué Guimarães, registram as impressões referentes aos países socialistas mencionados no título da obra no início dos anos cinquenta do século passado. Cronologicamente, insere-se no mesmo contexto histórico e ideológico no qual foram redigidas as narrativas de viagem à URSS de Jorge Amado e de Graciliano Ramos. Naquele período, o sonho socialista ainda era possível, apesar das acusações não comprovadas ainda aos abusos de poder de Stalin.

Nota-se certa semelhança do modo de observar do autor gaúcho com o tom utilizado por Graciliano em *Viagem*. Guimarães tenta ser ponderado, tenta manter uma perspectiva equilibrada de enunciação, mas, por ser simpatizante da causa comunista, em algumas ocasiões, não consegue ver com clareza determinadas situações problemáticas ocorridas na URSS. Por isso, em momentos de sua narrativa, o autor apresenta uma visão ingênua da sociedade soviética. De qualquer maneira, não realiza propaganda política declarada em prol ao socialismo, como Jorge Amado fez em seu relato de visita à URSS. Procura limitar-se a registrar suas impressões, resultando numa perspectiva predominantemente descritiva na forma de representar os países visitados.

No livro *O mundo da paz*, Jorge Amado relatou a sua vivência na União Soviética e em outras repúblicas socialistas no inverno de 1948 e 1949. A viagem foi empreendida a convite da União de Escritores Soviéticos. O escritor, no período militante comunista ativo, pretendia com essa narrativa mostrar aos brasileiros como funcionava o mundo socialista (mundo da paz), pois, segundo ele, a imprensa nacional era altamente tendenciosa ao imperialismo capitalista. Aproveitou ainda, como esclarece na nota introdutória, para que seus escritos servissem como homenagem de um escritor brasileiro ao 70º aniversário do camarada Stalin, “sábio dirigente dos povos na luta pela

felicidade do homem sobre a terra” (AMADO, 1951, p. 09).

O português Fernando Namora visitou o país soviético algumas vezes no decorrer dos anos setenta e oitenta do século passado, registrando, deste modo, em sua narrativa de viagem, *URSS, mal amada, bem amada*, tensões referentes à Guerra Fria e à derrocada do sistema socialista na União Soviética. Talvez por isso seu enfoque se volte para a geografia humana do povo russo em vez do debate ideológico.

Dos autores em língua portuguesa citados, nota-se que Jorge Amado, então militante ativo, em sua narrativa de viagem, realiza uma doutrinação explícita pela causa comunista. Graciliano Ramos e Josué Guimarães se propõem imparciais, mas terminam por demonstrar a simpatia pelos ideais socialistas e, por isso, deixam, em alguns momentos, de entenderem detalhes mais problemáticos da realidade soviética. Os autores mencionados, como se sabe, escreveram suas narrativas no início dos anos cinquenta do século passado, antes da revelação comprovada do terror stalinista. Fernando Namora, posterior à revelação da violência e crueldade de Stalin e, talvez por isso, com uma visão mais crítica em relação à sociedade soviética, opina de modo mais isento e tenta não evidenciar as questões políticas, procura se deter aos costumes e à cultura do povo russo.

Dentre as narrativas apontadas, *Viagem*, de Graciliano Ramos, pode ser considerada a mais completa na perspectiva formal, pois Graciliano a desenvolve com uma elaboração da linguagem, tentando apresentar o relato ao estilo memorialístico, entrelaçando a descrição da paisagem física que observa, a narrativa sobre o que ocorre durante a visita, a exposição de comentários e o jogo de lembranças que surgem durante o percurso de escrita do livro.

Dos motivos expostos, resulta o seguinte aspecto relativo à narrativa de Graciliano Ramos: *Viagem*, por se enquadrar naturalmente à passagem da ficção à confissão que ocorre na obra de Graciliano, pode alinhar-se às obras canônicas do autor ao mesmo tempo em que, por dialogar com outras obras do período, está filiada a uma vasta tradição da literatura ocidental de relato sobre a União Soviética. Por isso, acredita-se que são válidas leituras sobre a referida narrativa e que esta deve ocupar um lugar de realce dentre os escritos do autor alagoano.

Conclusão

Viagem se apresenta como um texto que possui muitos pontos a serem problematizados: o viés político presente em suas linhas; a forma que Graciliano encontrou para narrar sua experiência de visita à União Soviética; as semelhanças e diferenças do relato de Graciliano em relação a outros relatos sobre o mundo socialista; e sua zona de intersecção com outras obras do próprio escritor.

Pode-se considerar que a possibilidade assinalada neste trabalho de inserção de *Viagem* ao desdobramento natural da obra de Graciliano é pertinente e vem a reforçar ainda mais as deduções de Antonio Candido. Como se sabe, a fim de demonstrar que a obra de Graciliano caminha naturalmente da ficção à confissão, Candido utilizou os escritos canônicos do autor, romances e textos autobiográficos. Por isso, encerrou a sua análise nas *Memórias do cárcere*. No entanto, observou-se que *Viagem*, posterior às memórias da prisão, também pode ser inserida nessa linha de desenvolvimento demarcada por Candido, pois se trata de um relato “autobiográfico” no qual autor conta sua experiência real na União Soviética. Além disso, como ocorreu nas *Memórias do cárcere*, prevalece a informação em lugar ao trabalho com a linguagem, com a literariedade; o autor-narrador-personagem, despido de qualquer palavra de ordem, busca compreender os fatos que se processam a sua volta.

O contexto político e social no qual a narrativa *Viagem* foi escrita e publicada é digno de observação, pois revela a tensão existente entre as ideologias capitalista e socialista em nível mundial. O conflito entre essas duas formas de conceber a sociedade marcou os intelectuais e artistas do século XX, transfigurando-se, desse modo, nas obras de arte do período. Por isso,

observa-se a proliferação de relatos de viagem de artistas de todo o ocidente sobre a União Soviética. Desse modo, os escritos de viagem de Graciliano Ramos, além de estabelecerem conexão com as outras obras do autor, dialogam com toda essa produção ocidental de relatos de viagem sobre a União Soviética e sobre o mundo socialista.

Referências Bibliográficas

- 1] AMADO, Jorge. *O mundo da paz*. Rio de Janeiro: Vitória, 1951.
- 2] BENJAMIN, Walter. *Diário de Moscú*. Buenos Aires: Taurus, 1990.
- 3] CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- 4] FALLEIROS, Marcos Falchero. *A retórica do seco*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1990.
- 5] FELINTO, Marilene. *Graciliano Ramos – outros heróis e esse Graciliano*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Encanto radical).
- 6] GIDE, André. *De volta da U.R.S.S.* Tradução de Álvaro Moreyra. Rio de Janeiro: Vecchi, 1937.
- 7] GUIMARÃES, Josué. *As muralhas de Jericó – memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- 8] HOBSBAWM, Eric J. *A era do extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- 9] MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004. (Folha explica).
- 10] MORAES, Dênis de. *O Velho Graça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- 11] MORIN, Edgar. *Da natureza da URSS: complexo totalitário e novo império*. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1984.
- 12] NAMORA, Fernando. *URSS, mal amada, bem amada*. Rio de Janeiro: Nórdica, s.d.
- 13] NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi – memórias*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.
- 14] RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, Altaya, s. d (a).
- 15] _____. *Caetés*. 17. ed., Rio de Janeiro: Record, 1981.
- 16] _____. *Infância*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, Altaya, s. d (b).
- 17] _____. *Memórias do cárcere* (Vol. I). 32. ed., Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1996 (a).
- 18] _____. *Memórias do cárcere* (Vol. II). 32. ed., Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1996 (b).
- 19] _____. *S. Bernardo*. 66. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996 (c).
- 20] _____. *Viagem*. 17. ed., Rio de Janeiro: Record, 1992 (b).
- 21] _____. *Vidas secas*. 72. ed., Rio de Janeiro: Record, 1997.
- 22] REED, John. *10 dias que abalaram o mundo*. Tradução de Armando Gimenez. 4. ed., São Paulo: Global, 1978.
- 23] SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*. 3. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

i Autor

Marcel Lúcio Matias Ribeiro, Professor Doutor

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

Câmpus Natal Cidade Alta

marcel.matias@hotmail.com